

## A FABRICAÇÃO DO CORPO-MÁQUINA NOS SÉCULOS XVII-XIX

THE MANUFACTURING OF THE MACHINE BODY IN THE 17TH-19TH CENTURY

Wandeílson Silva de Miranda<sup>1</sup>  
Wellington Marques da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** A pesquisa a seguir tem como objetivo um estudo sobre a concepção do corpo enquanto corpo-máquina e a inflexão conceitual que desembocou numa ontologia do Homem-Máquina. Durante séculos, as compreensões sobre o corpo foram sendo forjadas e modificadas por meio do surgimento dos novos saberes, entre elas a concepção de corpo-máquina desenvolvida, principalmente entre os séculos XVII-XIX, a partir da elaboração de saberes que modificaram a ideia de Homem e a representação do corpo, assim como sua função e lugar na Natureza.

**Palavras-Chave:** Corpo, Ciência, Corpo-máquina, Homem-máquina

**Abstract:** *The following research aims to study the concept of the body as a machine-body and a conceptual inflection that led to an ontology of the machine man. For centuries, the understandings about the body has been forged and modified through the emergence of new knowledge, including the conception of body-machine developed, especially between the 17th and 19th centuries, arises from the preparation of these knowledges that changed the idea of man and the representation of the body, as well as its function and place in nature.*

**Keywords:** *Body, Science, Machine-Body, Machine-Man*

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (2005), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). É professor Associado da Universidade Federal do Maranhão, leciona na graduação do Campus São Bernardo e na Pós-Graduação (mestrado) do Departamento de Filosofia - Campus Bacanga- São Luís. Tem experiência na área de filosofia contemporânea com ênfase em Metafísica, Estética e Ética. Coordena o Grupo de Estudos Filosofia e Ethos poético; participa como vice-coordenador do Grupo de Pesquisa Histor: Cultura e epistemologia. Coordena o Grupo de Pesquisa NEO-BIO: Ontologia, Corpo e Biopolítica (CNPQ), participa do projeto de pesquisa A questão da Liberdade na ÉTICA de Benedictus de Spinoza (UECE) vinculado ao GT Benedictus de Spinoza (ANPOF) do qual, atualmente, é coordenador.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia do 6º período pela Universidade Federal do Maranhão, atualmente membro do grupo de pesquisa NEO-BIO: Ontologia, Corpo e Biopolítica (CNPQ), desenvolvendo pesquisas na área de filosofia tendo como tema problemas sobre o corpo através da filosofia de René Descartes e Baruch Spinoza.

## Introdução

Este artigo corresponde a um estudo ontológico do corpo enquanto corpo-máquina, ideal nascente entre os séculos XVII e XIX na Europa que por sua vez se disseminou como modelo homogêneo entre culturas, principalmente com a filosofia dualista de Descartes. Entretanto, buscando compreender a construção desse pensamento por meio de autores da filosofia que foram fundamentais para o surgimento dessa ideia, para então analisar como o corpo se insere nesse quesito de ser identificado como uma máquina e por meio desse estudo entender sua finalidade.

No transcorrer dos séculos, diferentes concepções acerca do corpo foram forjadas no Ocidente. Através do surgimento de novos saberes essas concepções foram sendo modificadas dando lugar a novas ideias e questões sobre a composição do homem e seu corpo. As concepções sobre o corpo, que por muito tempo foram vistas como sagrado e “intocável”, firmaram-se por meio da Igreja durante toda a Idade Média. Os saberes sobre o corpo estiveram intimamente ligados ao cristianismo que dele retirava significados, como exemplo, o sangue que era visto como elemento sagrado. Com o avanço das ciências, principalmente entre os profícuos séculos XVII e XIX, surgem grandes divergências dentro dos conhecimentos filosóficos a respeito do que compõe o corpo. Essas novas concepções sobre o corpo estão relacionadas com os novos saberes e disciplinas construídas pela Física, Anatomia, Medicina, Antropologia, Política, etc., distanciando-se dos saberes que eram fornecidos pela Igreja e atravessando uma nova fronteira do saber. O corpo e o universo passam a ser compreendidos por meio de outras concepções. Com esses novos conhecimentos, uma nova estrutura filosófica é reconhecida, no qual o corpo é interpretado a partir de um produto que tem sua similaridade ao de uma máquina, principalmente por meio da anatomia que fragmenta o corpo e o torna destituído do “Homem” enquanto desenvolve o seu mapa de funcionamento. Tal condição prescreve uma nova visão da Natureza e conseqüentemente da natureza do Homem, sua condição e significado. Se na tradição ocorreu uma busca pela definição do Homem a partir de suas qualidades racionais, a proposta mecanicista insere uma nova questão: o corpo-máquina. Para Descartes, no *Discurso sobre o método*, a relação agora não é apenas do Homem enquanto criatura criada, mas criatura que cria (artífice):

O que não parecerá de modo algum estranho aos que, sabendo quantos *autômatos* diferentes, ou máquinas que se movem, o engenho dos homens pode fazer só empregando muito poucas peças, em comparação com a grande quantidade de osso, músculos, nervos, artérias, veias, e todas as demais partes que há no corpo de cada animal, considerarão esse corpo como uma máquina que, feita pelas mãos de Deus, é

incomparavelmente mais bem ordenada e tem em si movimentos mais admiráveis que qualquer uma das que podem ser inventadas pelos homens (DESCARTES, 1996, p. 62-63).

Questão ressaltada por Le Breton (2013, p. 121) ao lembrar que essa nova dinâmica guiará a filosofia moderna e o ímpeto das ciências, “O homem aparece menos criatura do que rival do Deus mecânico. Com toda justiça Descartes atribui a Deus o privilégio mensurado de ser um artesão mais hábil do que os outros [...]”.

Com René Descartes, ao corpo é atribuído uma vida mecânica que tem seu funcionamento similar ao de uma máquina, mas que prevalece o signo da carne tornando-o objeto modelável através dos olhos da alma. No que diz respeito à divisão ontológica do homem entre corpo e alma estabelecida por Descartes, a alma aparece como sublime e fornece virtude ao corpo. O corpo passa a ser compreendido por meio de um aspecto anatômico que encontra significados a partir do abandono da sua concepção orgânica em prol da analogia, comparação e semelhança com as máquinas.

Doravante, na concepção materialista de La Mettrie, essa alma é nada menos do que uma ilusão e que o Homem se torna mais pleno quanto mais aceitar sua existência corporal e a felicidade advinda pelo próprio corpo. La Mettrie parte do mesmo pressuposto de Descartes acerca do funcionamento corporal como *res extensa*. Por ser médico os estudos anatômicos do corpo têm grande influência em sua concepção, ambos chegando a uma aproximação na ideia de corporeidade mecânica do corpo, mas que em determinados momentos encontram-se em divergências. É interessante analisarmos o pensamento desses dois autores que estabeleceram relações acerca da composição do corpo humano, nos quais possibilitaram uma visão interpretativa da imagem do corpo com engrenagens motoras pertencentes às máquinas da época, sentido que se aguçou cada vez mais com o passar dos anos através dos desenvolvimentos mecânicos e tecnológicos.

## **2 A visão sagrada e anatômica do corpo**

Este tópico limita-se a apresentar certas questões pertinentes à Igreja, sem denotar suas influências, apenas descreve-se como o corpo era representado pela Igreja medieval, para assim perceber o movimento de mudança do pensamento que se seguiu com relação ao corpo.

No Ocidente a Igreja Católica deteve todo conhecimento acerca da compreensão do corpo. A passagem de Jesus Cristo na terra teve grande influência na construção da ideia do corpo sagrado, visto que a definição da corporeidade estava próxima à divindade ou, simplesmente, era considerado divino. O momento de sua morte teve grande influência na criação da concepção simbólica do corpo para a Igreja, onde seus martírios, objetos das paixões e as chagas desempenharam um papel fundamental entre os séculos XV e XVIII, tornando-se elementos iconográficos na representação do corpo sagrado. Através dessa visão sagrada, o corpo de Cristo adquire grandes significados para a Igreja, como, por exemplo, o ato da Santa Ceia na qual o pão faz referência ao seu corpo e o vinho faz referência ao seu sangue, que por sua vez estabelece significados místicos, no qual o consumo do seu corpo, representado pelo pão e do seu sangue representado pelo vinho, é associado com a nutrição da alma. A própria Igreja passa a ser descrita como Corpo de Cristo.

Diferente do dualismo de Descartes, que separa o homem do corpo, o pensamento medieval faz sua separação através de uma forma dual e não dualista<sup>3</sup>, essa representação acerca do Homem penetra na sociedade resultando em diversas representações simbólicas na cultura, na política, na religião e na reorganização social da Idade Média. Doravante, o corpo que já possuía uma definição ambígua na Idade Média, passou por forte desvalorização diante da alma. A compreensão dual do corpo que vigorou ao longo da Idade Média, tinha por orientação a relação divina do próprio corpo com Deus, mesmo sendo corruptível e frágil, fonte de pecado e passível às tentações, apesar disso, o corpo desempenhou grande papel nos ritos e na promessa da salvação.

No nascimento havia a união do corpo com a alma e na morte se observaria a separação desses dois, deixando o corpo à decomposição natural e por isso preservasse pela salvação da alma. Entretanto, a salvação das almas se realizaria plenamente no dia da ressurreição dos corpos, onde haveria uma nova união entre o corpo e a alma, com o corpo agora purificado. Na dinâmica da salvação o corpo não poderia ser excluído, o ideal ascético da Idade Média, ou seja, a recusa pelo que é corporal e mundano, era considerado apenas um meio para a salvação, já que o corpo possuía extrema importância. Até mesmo nos lugares de castigo e sofrimento eterno, no caso do inferno e, depois do século XIII, o purgatório, as almas receberiam sofrimentos e castigos físicos, o que nos mostra uma clara valorização do papel do corpo dentro do esquema de salvação e da condenação eterna (RANHEL, 2017. p. 14).

---

<sup>3</sup>Essa noção tem por base o pensamento antropológico cartesiano, “o penso, logo existo” (*cogito, ergo sum*), ou seja, da capacidade de pensar surge a noção de existência. A concepção dualista de Descartes se diferencia da concepção dual representada na Idade Média, pois o cristianismo não divide absolutamente o homem, antes, afirma uma espécie de bifurcação, ou seja, o Homem não se encontra ontologicamente cindido, ambas as substâncias (corpo e alma) estão em constante relação e em contínua dependência. Entretanto, para Descartes, o homem está ontologicamente dividido, corpo e alma (*res extensa e res cogitas*), através dessas duas substâncias, que para ele são independentes entre si.



Observamos então que a alma seria capaz de conduzir o corpo para a salvação do homem. Dentro do esquema da salvação o corpo estaria submetido a ser modelado pelos olhos da alma pois, o mesmo já se encontrava condenado e podendo ser salvo somente se submetido às “regras da alma<sup>4</sup>” e por meio delas seria capaz de se aperfeiçoar.

Diante essa perspectiva relacionada com a pureza da alma com as imperfeições do corpo representadas de uma forma mística, as doenças adquirem significados simbólicos de transgressões espirituais<sup>5</sup> e conseqüentemente a medicina está para além de uma cura corporal. Parte dessa ciência médica, promovida pelos religiosos, flerta com o curandeirismo<sup>6</sup> que tem como objetivo buscar uma cura mais espiritual do que corporal, já que não havia uma ciência médica capaz de dissociar o corpo da alma. O curandeiro, por sua vez, é associado ao médico, pois a cura é adquirida por meios (ou métodos) das orações, recorrendo sempre aos conhecimentos místicos religiosos muitas vezes ocultos.

A medicina e a anatomia não eram favorecidas pela Igreja, tendo em vista que o corpo era intocável e o homem como sujeito indiscernível do seu corpo. As dissecações de cadáveres foram proibidas pela Igreja — mesmo que em algum momento em Alexandria houvesse essas práticas com o uso de cadáveres de condenados e executados a fim de estudo do corpo — o que ocasionou no entrave dos estudos anatômicos e fisiológicos do corpo.

Se não houve oposição institucional das autoridades eclesiásticas às dissecações, continua sempre aberta a possibilidade de que obstáculos de ordem cultural, ligados ao cristianismo, tenham entravado o desenvolvimento da anatomia. Poderíamos mencionar, de modo particular, a questão da integridade do corpo em relação ao dogma da ressurreição dos mortos. Ora, em matéria doutrinal, os escritos patrísticos estabelecem, desde o primeiro século, que a sorte do cadáver é sem conseqüências no que diz a respeito à ressurreição [...] é verdade que, mesmo contra a opinião das principais autoridades em matéria de doutrina cristã, a crença que liga ao respeito da integridade do corpo à ressurreição futura pôde ser suficientemente forte para resguardar o corpo morto do assalto dos vivos. Mas uma conjectura tão geral não se distingue de fato do recurso à noção expeditiva de “tabu”, e quase não ajuda a desvendar a sorte da anatomia no curso dos séculos da hegemonia cristã (MANDRESSI, 2010, p. 449).

---

<sup>4</sup>Na alma se encontraria o que é puro, a ligação do homem com Deus, o essencial que constitui o homem, visto que o corpo está profanado a morrer e sujeito a todas as regras do pecado.

<sup>5</sup>As doenças estavam atreladas a um poder sobrenatural (Deus, Diabo, Bruxas, etc.) que aos através da Igreja eram vistas como símbolo do pecado, sendo elas uma forma de castigo divino dos impuros, simbolizando até mesmo os martírios sofridos por Cristo como forma de penitência e de caridade.

<sup>6</sup>Religião, magia e medicina convergem na cultura popular, onde mil lógicas se entrecruzam, todas aparentemente “justificadas”: o pão assado na Sexta-Feira Santa jamais cria mofo; se for conservado, ele cura todo o tipo de doenças; os anéis feitos com o dinheiro arrecadado por ocasião da Eucaristia curam as convulsões; o sacramento da confirmação evita a doença. (Cf., PORTER; VIGARELLO, 2010, p. 449)

Sendo assim, a desmembração e a deterioração do cadáver poderiam comprometer o homem em seu aspecto de salvação, dividi-lo poderia colocar em risco sua integridade na perspectiva da sua ressurreição, visto que em seu corpo permanece o signo do homem, o homem é o seu corpo e ao mesmo tempo é outra coisa, seu corpo não está eventualmente distinto de si.

Deste modo, compreendemos que as inibições das realizações do ato de dissecação de corpos tornaram-se um tabu visto que poderia comprometer a ressurreição do homem, atrapalhando assim o desenvolvimento das ciências médicas, na qual a dissecação de corpos nos aproxima dos meios naturais de conhecimento do corpo.

Porém, com as primeiras dissecações de corpos, implicitamente com o *De corporis humani fábrica* (1543) de Vesalius, notamos evidentemente uma forte mudança na concepção de homem e corpo no Ocidente, “com os anatomistas o corpo deixa de se esgotar totalmente na significação da presença humana.” (LE BRETON, 2013, p. 72). É, por meio dos avanços da anatomia que o corpo passa a ser dissociado do homem, visto que para os anatomistas o corpo se esvazia de representações simbólicas e tem como importância somente seu lado material.

O homem de Vesalius anuncia o nascimento de um conceito moderno: aquele de corpo, mas que permanece, em certos aspectos, sob a dependência da concepção anterior de homem como microcosmos. Penetrando sua carne, isolando o corpo, distinguindo-o do homem, ele também toma distância da tradição. Mas ele se atém ainda ao limite do individualismo e em um universo pré-corpenicano. Apesar de tudo, a baliza posta por Vesalius é essencial para que o homem aprenda a fazer o luto do cosmos e de sua comunidade, e para que se descubra logo subsumido pelo *cogito*. O *cogito* que funda precisamente a legitimidade do indivíduo, do homem que se autoriza, antes de tudo, a si mesmo. De Vesalius a Descartes, da *Fábrica* ao *Discours de la méthode*, fez-se o luto no pensamento ocidental: em certo nível, o corpo é purificado de toda referência à natureza e ao homem que ele encarna (LE BRETON, 2013, p. 88).

É com Vesalius que essa ruptura se torna evidente, com suas representações e ilustrações do esqueleto, dos músculos, dos vasos sanguíneos e de todo o sistema nervoso pertencente ao corpo. Em *De humani corporis fabrica* há uma revolução na maneira de exploração do corpo que foi capaz de criar uma espécie de “cultura” que promovia a anatomia e o desenvolvimento da ciência médica<sup>7</sup>.

Com o desenvolvimento das ciências físicas<sup>8</sup> e com o aperfeiçoamento das tecnologias de trabalho, o corpo adquire novos significados, no qual se desdobra a filosofia mecanicista:

---

<sup>7</sup>Ramo das ciências que está relacionado com estudos da saúde, vida e doença. Associando aos estudos da anatomia humana, fisiologia, biologia e imunologia.

<sup>8</sup>Ramo das ciências naturais que estudam os sistemas não vivos a Física, Química, Astronomia e Geologia.

Daí a importância de um modelo global: o corpo se naturaliza e se “desencanta” na ciência do século XVII. Mais diretamente referindo a si mesmo, o corpo é mais espontaneamente liberado da ordem cósmica e de suas gradações. A imagem das alavancas, das rodas dentadas e das polias funciona como outras tantas referências possíveis. As forças, as rupturas e dados choques funcionam como outras tantas explicações. O que dominou foi sobretudo a hidráulica. Muitos foram os que, baseando-se em Harvey, sugeriram uma nova compreensão dos fluidos e de seus movimentos, com tubos ou vasos, estases ou alijamentos. Os filósofos que estavam em moda pretendiam doravante inflectir as velhas teorias dos humores, assinalar ameaças em seus próprios “transbordamentos” orientar para outras fontes materiais as possíveis causas de seus acidentes (PORTER; VIGARELLO, 2010, p. 459).

Desse modo, o corpo se encontra ontologicamente separado do homem, tendo em vista os novos saberes da medicina e a anatomia do homem torna-se fragmentada; através dessa ruptura ontológica firma-se a ciência médica moderna que, doravante, passa a descrever os mecanismos<sup>9</sup> do corpo com uma espécie de “mapa corporal” em relação às suas “peças”, o médico agora assume outra postura, sua imagem aparece como a de um “mecânico” desse corpo-máquina que se encontra mais preocupado com a doença ou com o órgão doente do que pelo próprio doente. Sendo assim, o corpo passa a ser visto através de uma metáfora mecânica que consiste em um aglomerado de “peças” compostas de carne e ossos, é nesse sentido que se desdobra o fascínio de Descartes e La Mettrie pela anatomia do corpo:

Em Descartes o corpo está submetido a uma metáfora mecânica, fato revelador do resvalamento que se operou. Ao contrário, a metáfora orgânica se faz mais rara para designar o campo social. O individualismo ganhou um terreno considerável. O corpo, “modelo por excelência de todo sistema finito”, segundo Mary Douglas, não é mais apropriado para figurar uma coletividade humana cuja dimensão holista começa a se distender. Entre os séculos XVI e XVIII nasce o homem da Modernidade: um homem cindido de si mesmo (aqui sob os auspícios da divisão ontológica entre o corpo e o homem), cindido dos outros (o *cogito* não é o *cogitamus*) e cindido do cosmos (doravante o corpo não pleiteia mais do que por si mesmo; desenraizado do resto do universo, ele encontra seu fim em si mesmo, ele não é mais o eco de um cosmos humanizado). (LE BRETON, 2013, p. 88).

É com essa ruptura das tradições e com os novos saberes impostos pelas ciências que se desdobra as diversas concepções sobre o corpo nos séculos XVII-XIX, estabelecendo o fim da dinâmica clássica: o homem cindido de si mesmo, anatomizado, passa a pertencer aos diferentes tipos de procedimentos biomédicos, todos esses procedimentos multiplicam e desenvolvem ao seu modo as imagens dos autômatos, das engrenagens e das máquinas para associar conhecimento e corpo, pois, “O universo é uma máquina em que não há absolutamente coisa alguma a considerar a não ser as figuras e os movimentos de suas partes, escreve Descartes, fornecendo o princípio e o programa do mecanicismo.” (LE BRETON, 2013, p. 102). No entanto, o universo, e aqui incluindo especialmente o Homem, passa a ser visto como a Megamáquina, e todos os seus atributos e

---

<sup>9</sup>Trata-se de um conjunto de elementos móveis que se encontram unidos com objetivo de transmissão e/ou transformação de movimento e força.

segredos podem ser racionalizados e descritos de modo analítico a partir das leis naturais (Física) inerentes aos corpos e à Natureza em geral<sup>10</sup>.

### 3 A concepção de corpo-máquina em Descartes

Para reconhecer as paixões da alma foi necessário separá-las das funções do corpo, de acordo com Descartes “[...] tudo o que em nós existe e não pode de modo algum ser concebido como pertencendo a um corpo deve ser atribuído à nossa alma.” (DESCARTES, 2019, p. 08), ou seja, todo o movimento dos membros, do sistema sanguíneo e do sistema sensorial é pertencente exclusivamente ao corpo, já que não dependem do pensamento, doravante todas as espécies de pensamentos que existem no homem são atribuídas à alma:

E julgou-se por isso, erradamente, que o nosso calor natural e todos os movimentos dos nossos corpos dependem da alma, quando se devia pensar, ao contrário, que a alma não se ausenta, quando se morre, senão porque esse calor cessa e se corrompem os órgãos que servem para mover o corpo (DESCARTES, 2019, p. 10).

Diferente da concepção cristã da Idade Média na qual as doenças e os problemas carnis eram atribuídos à alma, no pensamento de Descartes, a morte sobrevém através das funções do corpo, quando alguma parte importante do corpo para de funcionar ou se encontra danificada, podendo assim ocasionar em morte, ou seja, o corpo independe da alma para viver. Esse pensamento nos remete à ideia de corpo-máquina, na qual Descartes chega a assemelhar os movimentos e partes do corpo similar às características pertencentes a uma máquina:

Sabe-se, além disso, que todos os movimentos dos membros dependem dos músculos; e que estes estão de tal modo opostos uns aos outros que, quando um se contrai, atrai para si a parte do corpo a que está ligado, o que provoca simultaneamente a distensão do músculo oposto. Depois, se num outro movimento este último se contrai, chama para si as partes a que estão ambos ligados, tornando o primeiro a alongar-se. Finalmente, sabe-se que todos os movimentos dos músculos, do mesmo modo que todos os sentidos, dependem dos nervos, que são como pequenos tubos que partem todos do cérebro e que contêm, como ele, um certo ar ou vento muito subtil, a que se chama espíritos animais (DESCARTES, 2019, p. 10).

---

<sup>10</sup>Com Descartes, a identificação da concepção do corpo-máquina fica mais evidente, porém, a relação que parece interessar para compreender o problema da corporeidade é o problema do dualismo cartesiano e sua aproximação com as ciências, especialmente dos estudos anatômicos e fisiológicos do corpo, pois, nelas a concepção dualista se desdobra e opera uma cisão na concepção de Homem que fundamentou a visão Medieval e ainda a Renascentista. A partir de Descartes o corpo está atrelado de maneira abstrata a um viés filosófico mecânico que o descreve a partir de uma analogia físico-química e por meio de uma sucessão de leis mecânicas dotada de causalidade e efeito, o que aproxima os movimentos do corpo como similar aos movimentos presentes em uma máquina.



Podemos comparar os movimentos dos músculos com o movimento que fazem as máquinas de polias<sup>11</sup>, embora Descartes também simbolize o coração como “motor” e princípio das funções pertencentes ao corpo. Existe uma ligação de nervos por todo o corpo e, por fim, este está conectado ao cérebro. Descartes denomina o que percorre esses nervos de espíritos animais, que contribuem para as funções e movimento do corpo, “Porque o que eu denomino *espíritos não é mais do que matéria*, com a particularidade única de ser constituída por corpos muitos pequenos e que se movem muito depressa, lembrando as partes da chama que sai de um facho”. (DESCARTES, 2019, p. 15, grifos nossos)

Os movimentos que circulam o corpo pertencentes aos espíritos animais podem ser assemelhados com os movimentos de máquinas que possuem pistões, como descreve Descartes:

Tanto mais que há pequenas aberturas em cada músculos por onde os espíritos passam de um para outro, aberturas de tal modo dispostas que, quando os espíritos vindos do cérebro para um deles têm, por pouco que seja, um pouco mais de força que os que vão para o outro, abrem todas as aberturas por onde os espíritos de outro músculo podem passar para ele, fechando ao mesmo tempo todas as outras por onde os seus espíritos podem passar para o outro, e desta maneira todos os espíritos até então contidos nos dois músculos se reúnem rapidamente num só, se enchendo-o e contraindo-o, ao passo que o outro se alonga e afrouxa (DESCARTES, 2019, p. 16).

Compreendemos então que os movimentos provindos do corpo partem desses espíritos animais<sup>12</sup> que se encontram ligados ao cérebro, no entanto, com a influência das paixões da alma esses movimentos podem ser manipulados fazendo com que o corpo responda de acordo com o pensamento, embora, de maneira natural, o corpo possua seus movimentos denominados “movimentos animais<sup>13</sup>”. Com tal concepção, todo o sistema fisiológico do corpo passa a ser compreendido por meio da analogia com “sensores” na forma de nervos que se encontram

---

<sup>11</sup>Máquinas que tem por objetivo diminuir o esforço humano na aplicação de força por meio de fios ou cordas para a locomoção de objetos pesados.

<sup>12</sup>De acordo com Descartes (2019, p. 21), a máquina corporal é formada através de alterações produzida no cérebro que são transmitidas através dos espíritos animais liberados a partir da dilatação dos poros presentes no cérebro que estão ligados a um conjunto de nervos transmissores, no qual resulta na alteração nos movimentos desses espíritos que são capazes de mover o corpo sutilmente e habitualmente.

<sup>13</sup>Para DESCARTES (2019, p. 21), em todos os movimentos provindos do corpo sem que derivem da vontade do pensamento, ou seja, que são produzidas de maneiras automáticas é pertencente aos movimentos animais, alguns desses movimentos são; a respiração; piscar; digestão, entre outros. A prática dessas ações está presente também nos animais e são relacionadas a esse tipo de movimento.

espalhados por todo o corpo e conectados ao cérebro do qual provêm os movimentos naturais e ordenados ao corpo, evidentes na *dióptrica*<sup>14</sup> e citados por Descartes:

Assim quando vemos a luz de um facho e ouvimos o som de um sino, este som e essa luz são duas ações diferentes, que por provocarem dois movimentos diferentes em alguns dos nossos nervos e, por intermédio destes, no cérebro, são à alma dois sentimentos diferentes, que relacionamos de tal modo com os objetos que julgamos serem a sua causa que pensamos ver o próprio facho e ouvir o sino, e não unicamente sentir movimentos provocados por eles. (DESCARTES, 2019, p. 21)

Podemos notar o corpo com os sentidos voltados às percepções da alma, ou seja, nesse sentido o corpo sobrevém como uma extensão da alma, o homem de Descartes se encontra cindido de si mesmo, composto por uma alma que possui sua finalidade em pensar e um corpo preso aos elos mecânicos e dinâmicos da extensão.

Para Descartes, há uma diferença entre as percepções da alma com as percepções atribuídas ao corpo, nesse sentido, as percepções do corpo fazem parte de nossas afecções carnis, como a fome, dor, calor, frio, etc. Enquanto, as percepções atribuídas à alma são as que se sentem na própria alma, como o sentimento de alegria e de cólera, que podem ser excitados por intermédio dos nervos os quais chegam as paixões da alma. Contudo, a alma atua de maneira conjunta ao corpo, está presente através de uma conexão que faz a união entre alma e corpo.

Em tese, Descartes afirma que existe uma glândula que está localizada no cérebro e é responsável pela conexão da alma com o corpo que a partir disso exerce função às outras partes que interligam o pensamento com o agir corporal.

É necessário também saber que, embora a alma esteja unida a todo o corpo, há, todavia, neste uma parte em que ela exerce em especial as suas funções; e julga-se vulgarmente que essa parte é o cérebro, ou talvez o coração: o cérebro, porque é com ele que estão relacionados os órgãos dos sentidos, e o coração, porque é nele que parece sentirem-se as paixões. Mas, examinando o assunto com cuidado, parece-me ter reconhecido com evidência que a parte do corpo onde a alma exerce imediatamente as suas funções não é de modo algum o coração; nem também o cérebro no seu conjunto, mas também o cérebro no seu conjunto, mas apenas a sua parte mais interior, que é uma certa glândula muito pequena, situada a meio da sua substância, e de tal modo suspensa por cima do canal por onde os espíritos das suas cavidades anteriores comunicam com os da posterior que os mais pequenos movimentos que nela se dão contribuem muito para modificar o curso desses espíritos; e reciprocamente as mais pequenas alterações desse curso contribuem muito para alterar os movimentos dessa glândula. (DESCARTES, 2019, p. 36)

Sendo assim, a mente sobrevém como elemento não físico e o corpo como elemento físico, que de acordo com Descartes, interagem entre si mutualmente. Mas se fez necessário designar um

---

<sup>14</sup>Parte da física no qual está responsável pelo estudo das refrações das luzes, em que podemos identificar a presença de sensores nos olhos que captam as refrações de luzes e transmite para o cérebro para assim dá origem no que entendemos por imagem.

local no corpo no qual a mente pudesse exercer sua influência, a denominada glândula pineal, essa glândula é vista como centro principal da alma e está conectada por todo o corpo através dos espíritos animais que o percorrem.

Uma vez dito, por meio de analogias mecânicas, que o corpo possui fios condutores e sensores distribuídos em todas as suas partes e que por meio desses sensores os espíritos animais se locomovem, esses espíritos podem ser orientados de maneira diversa e a partir dos movimentos que se produzem nessa glândula que é excitada pela alma. Desse modo, “[...] a ação da alma reduz-se unicamente, quando quer qualquer coisa, a mover a pequena glândula a que está intimamente unida, a fim de produzir o efeito correspondente a essa volição.” (DESCARTES, 2019, p. 46), mas como também podem se mover a partir dos movimentos produzidos pela máquina do corpo, logo:

Todos os combates que é de costume imaginar entre a parte inferior da alma, denominada sensitiva, e a superior ou racional, ou ainda entre os apetites naturais e a vontade, não são mais do que o antagonismo que existe entre os movimentos que o corpo, pelos seus espíritos, e a alma, pela sua vontade tendem a provocar simultaneamente na glândula. [...]

Efetivamente, não existe em nós senão uma alma, sem partes diferentes: a mesma que é sensitiva é racional, e todos os seus apetites são volições. O erro que se comete ao fazê-la representar várias personagens, ordinariamente contrárias umas às outras, resulta de não se terem distinguido bem as suas funções das do corpo, ao qual exclusivamente se deve atribuir tudo o que em nós pode ser observado, mas que repugna à nossa razão [...] (DESCARTES, 2019, p. 52).

Como mencionado, a existência dessa glândula está localizada no meio do cérebro, que em uma das suas duas partes se encontra conectado com a alma e na outra conectado com os espíritos animais presentes no corpo, que a partir disso transmitem impulsões ao corpo. Pode acontecer dessas duas transmissões se oporem uma da outra, sendo o mais forte impedindo o efeito da outra.

Os movimentos provocados no corpo pelos espíritos podem advir do comando da alma por meio dos objetos dos sentidos que chegam ao cérebro, já os outros movimentos fazem parte das paixões correspondente ao corpo. Para Descartes (2019, p. 53) “Ora, é pelo desfecho desse combate que cada qual pode conhecer a força ou a fraqueza da sua alma. Porque, sem dúvida, têm as almas mais fortes aqueles cuja vontade pode por natureza vencer mais facilmente as paixões e deter os movimentos do corpo que as acompanham”.

Nesse sentido as almas mais fortes se deixam levar pelo juízo próprio e determinado, enquanto as mais fracas se deixam levar pelas paixões presentes, sendo elas a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza.

Assim como o riso nunca é causado pelas maiores alegrias, assim as lágrimas nunca provêm de uma extrema tristeza, mas somente da que é moderada ou seguida de qualquer sentimento de ou de alegria. E para bem compreender a sua origem é preciso notar que, embora continuamente saiam muitos vapores de todas as partes do corpo, não há, todavia, nenhuma donde saiam tantos como dos olhos, em virtude da grandeza dos nervos óticos e do número de pequenas artérias por onde esses vapores a eles chegam; e que, assim como o suor se compõe apenas dos vapores que, saindo das outras partes, se convertem em água à superfície, assim as lágrimas se formam dos vapores que saem dos olhos (DESCARTES, 2019, p. 136).

Observamos sempre as assimilações que Descartes faz com as máquinas, neste caso com as máquinas à vapor que se utilizam da água, fogo, ar e de mecanismos como a roda, engrenagens e sistemas que contêm polias para transformarem a energia quente que é liberada pela queima de combustível. Entretanto, no corpo, a liberação desses vapores que são convertidos em água na superfície provém de maneira natural da máquina do corpo quando excitado ao calor e, também, através dos sentimentos que emanam da alma, em questão da dor e da tristeza que faz correr nos olhos as lágrimas.

É essa imagem de corpo que é descrita e caracterizada por Descartes que faz sua comparação através de máquinas pertencentes à época, o homem que se manifesta através de um aspecto dualista no qual o seu corpo é compreendido como extensão da alma e suas funcionalidades se assemelham às de uma máquina — como demonstrado anteriormente —, enquanto que a alma está submetida ao controle do corpo — não por completo pois o corpo possui suas funções animais que independem das funções da alma — é nela que está presente a racionalidade, a capacidade de pensar do homem, os sentimentos provocados tanto pelas paixões da alma quanto que pelos sentidos externos do corpo.

No capítulo a seguir, será analisado o conceito da maquinaria do homem por meio das representações do filósofo médico materialista Julian Offray de La Mettrie que por meio da anatomia e dos estudos sobre ciência natural nos ajuda na interpretação do mecanismo presente no homem.

No entanto, com a anatomia, chega a afirmar as características presentes no homem em uma espécie de monismo materialista, tornando produto similar ao de uma máquina a partir de analogias feitas com a mecânica metabólica do corpo. O homem é representado não mais a partir da concepção de corpo-máquina, mas segundo a imagem do homem-máquina, agora a ser compreendida.



#### 4 A concepção de homem-máquina em La Mettrie

Em La Mettrie, suas grandes influências sobrevivem através de seus estudos anatômicos do corpo e da anatomia comparada, diferente do dualismo proposto por Descartes, La Mettrie apresenta outra visão de Homem em sua tese em que propõe o organismo como centro de reflexão e que o corpo e o homem se manifestam através de um monismo<sup>15</sup> materialista redigido através de leis mecânicas que em sua visão fundamentam o homem. No entanto, La Mettrie se afasta da metafísica, dos estudos da alma enquanto *res cogitans* apresentado e defendido por Descartes, mas que em parte de sua concepção se aproxima da substância *res extensa* que se aproxima da sua visão materialista do homem. Afirma Marisa Donatelli:

É assim que o homem se torna o foco principal de seus estudos, mas de uma forma muito específica. Ele se torna o modelo físico e intelectual do universo, como afirma Vartanian, de forma que esse universo fica reduzido à máquina. Mas há uma contrapartida, pois a própria natureza se humaniza ao estabelecer-se essa comparação com o homem “mecanizado” [...]. Além disso, o homem, ao se tornar a referência central, serve de medida para o que existe ao seu redor, o mundo se torna a sua imagem (DONATELLI, 2013, p. 841).

As ciências físicas penetram de forma significativa em sua concepção de homem enquanto homem-máquina, penetrando até mesmo no cosmos, com os estudos de Copérnico no seu desenvolvimento da teoria heliocêntrica do universo que através da física contestava o geocentrismo<sup>16</sup> e o teocentrismo<sup>17</sup>. No entanto, através dessa teoria comprovada que modifica a presença do homem e da Terra no cosmos que ocasionou a refutação do antropocentrismo adotado pela Igreja, o Homem e a Terra não se encontram mais como o centro do universo. O novo modelo das ciências físicas produz alterações profundas no quadro geral dos saberes e, por meio delas, institui-se a concepção de homem-máquina de La Mettrie. Agora, o universo está reduzido a uma concepção maquinária em que suas figuras interpretativas estão sujeitas ao mecanicismo. Como salienta Le Breton (2013, p. 116) “A matematização dos fenômenos naturais não poupa a esfera do biológico. O vivo está subordinado ao modelo da máquina e nele esgota-se inteiramente”. Dessa mesma compreensão alerta-nos Marisa Donatelli:

---

<sup>15</sup>Concepção que se opõe ao dualismo e ao pluralismo, tendo como base a singularidade como elemento que constitui a realidade.

<sup>16</sup> Modelo arcaico que configura a terra como centro do universo, e que tudo ao seu redor orbita a terra.

<sup>17</sup> Doutrina baseada através de princípios bíblicos que designa Deus como base e centro do universo.

Por elas, como afirma o autor, a matéria “pode adquirir a força motriz e a faculdade de sentir” (La Mettrie, 1987c, p. 127). Essa afirmação reveste-se de importância para a compreensão do desenvolvimento do pensamento de La Mettrie, pois aí se situa a crítica à redução da essência da matéria à extensão, defendida por Descartes. A extensão, para La Mettrie, é uma propriedade da matéria que só podemos conhecer por meio dos sentidos, ou seja, pela percepção da altura, da largura e da profundidade. As propriedades da extensão são mecânico-passivas. Em outras palavras, podemos afirmar que a extensão se vincula às formas passivas que sempre estão presentes na matéria, como a grandeza, a figura, o repouso e a situação. A matéria, considerada em sua extensão, é princípio passivo. Mas ela só pode receber essas formas passivas por meio de sua força motriz (DONATELLI, 2013, p. 845).

Para o La Mettrie, a alma adquire outros significados, pois ela não se esgota inteiramente nos princípios da Razão, postulada e defendida por um imaterialismo como demonstrado em Descartes. Em La Mettrie, a alma é vista como pertencente ao sistema sensitivo do corpo, nesse sentido, o estudo da alma pertence ao estudo do corpo e nada mais, o que atribui toda ênfase ao corpo que diferencia do pensamento de Descartes e é compreendido de forma inversa “corpo-alma<sup>18</sup>”. Para La Mettrie, a alma é um efeito do corpo.

A alma, portanto, nada mais é do que um termo vazio, do qual não temos ideia nenhuma, e que um Espírito lúcido deve utilizar apenas para nomear a parte que em nós pensa. Aceitando o menor princípio de movimento, os corpos animados têm tudo isso de que precisam para se mover, sentir, pensar, ou arrepender-se, e se conduzirem no âmbito Físico, e no Moral, que dele depende”<sup>19</sup> (LA METTRIE, s/d, posição 807 de 1483, tradução nossa).

Considerado materialista, ele reconhece a alma de maneira subjacente como produto da matéria, uma vez que para ele é impossível conhecer a essência da alma apresentada por Descartes e, assim, como a essência da matéria, todos os corpos têm seu funcionamento fundado no princípio de uma força motriz<sup>20</sup> que está presente na matéria — principal substância do corpo — essa força motriz substitui a necessidade de um agente externo ao corpo (alma) como causa de seus movimentos, como afirma La Mettrie: “Eu entendo o pensamento tão pouco incompatível com a matéria organizada, que ele parece ser dela uma propriedade, tal como a Eletricidade, a Faculdade

---

<sup>18</sup>Descartes compreende o homem através de sua disposição mental, colocando ênfase na alma como advento superior ao corpo, enquanto para La Mettrie, o corpo ganha grande significação e se encontra como principal produtor do pensamento, ou seja, da alma.

<sup>19</sup>“L’Ame n’est donc qu’un vain terme dont on n’a point d’idée, et dont un bon Esprit ne doit se servir que pour nommer la partie qui pense en nous. Posé le moindre principe de mouvement, les corps animés auront tout ce qu’il leur faut pour se mouvoir, sentir, penser, se repentir, et se conduire en un mot dans le Physique, et dans le moral qui en dépend”.

<sup>20</sup>A força motriz é um agente que tem em sua finalidade na transmissão de movimento, sendo definida normalmente como um agente natural. Para La Mettrie a funcionalidade dos movimentos do corpo parte através desse princípio ativo, no entanto a matéria tem capacidade própria de efetividade em seus movimentos.

motora, a Impenetrabilidade, a Extensão, etc.<sup>21</sup>” (LA METTRIE, s/d, posição 1052 de 1483, tradução nossa)

Não é nem Aristóteles, nem Descartes, nem Malebranche que vos ensinarão que é a vossa alma. Em vão vocês se atormentarão por conhecer a natureza, isso desagrade a vossa vaidade e a vossa indocilidade, é preciso que vocês se submetam à ignorância e à fé. A essência da alma do homem e dos animais é e será sempre tão desconhecida como a essência da matéria e dos corpos. Digo mais, a alma separada do corpo por abstração assemelha-se à matéria considerada sem forma alguma: não se pode conceber. A alma e o corpo foram feitos em conjunto no mesmo molde, disse grande teólogo que ousou pensar. Aquele que quiser conhecer as propriedades da alma deve, pois em primeiro lugar procurar aquelas que se manifestam claramente nos corpos de que a alma é o princípio ativo. (LA METTRIE *apud* FERNANDES, 2014, p. 79).

La Mettrie indica o desconhecimento metafísico dos princípios da alma e do corpo, porém, da alma nada pode se aferir, enquanto do corpo sua capacidade permite observar os mais diversos fenômenos, permite comparar, mensurar e descrever os aspectos mais sensíveis e complexos. Essa estratégia inverte o modelo essencialista da visão do Homem, pois já não é a essência que determina os acidentes, mas os acidentes que descrevem a essência, os fenômenos observáveis permitem conhecer e operar sobre os seres e seus corpos. Nesse sentido, o corpo possui grandes capacidades ainda não descritas, porém, suas características sensíveis e visíveis indicam de modo mais seguro o conhecimento dos mecanismos internos e externos da vida; logo, pode-se rejeitar a alma pensante proposta por Descartes. A alma deixa de ser uma substância do Homem, a presença do *cogito* não ampliaria o nosso entendimento de nós mesmos e da Natureza de modo adequado, já não interessa dissociar o homem dos outros animais. Na realidade, o materialismo de La Mettrie absorve o Espírito na imanência da vida, mergulha a alma na *res extensa*. O autor atribui ao homem e ao seu corpo somente a substância *res extensa* através de uma concepção monista, nesse sentido ele associa ao corpo todas as capacidades presentes na alma apresentado por Descartes. É desta forma que se desdobra a construção de sua concepção materialista, visto que o pensar, a capacidade de sentir e o princípio dos movimentos se encontram presentes somente no corpo e que não dependem de alguma substância provinda do campo metafísico:

A partir da recusa em aceitar a concepção cartesiana de matéria, que tem por consequência a afirmação da insensibilidade dos animais, La Mettrie, na defesa da existência desse terceiro atributo na matéria, vai se valer da anatomia comparada para fundamentar a sua oposição a Descartes. Segundo La Mettrie, a faculdade de sentir está presente apenas na matéria organizada, ou seja, está presente nos seres vivos, e não se encontra em outra substância que não seja a matéria aí presente e, por isso, não há necessidade de se recorrer a qualquer outra substância para explicar as sensações externas e internas, como o fazem aqueles que seguem os passos de Descartes. Afinal, a faculdade de sentir é observada nos corpos, mas

---

<sup>21</sup>“Je crois la pensée si peu incompatible avec la matière organisée, qu’elle semble en être une propriété, telle que l’Electricité, la Faculté motrice, l’Impénétrabilité, l’Etendue, etc.”.

apenas nos corpos organizados, por isso não se pode afirmar com fundamento que a matéria tenha em si a faculdade de sentir ou que ela possa ser adquirida por meio de modificações ou por meio de formas às quais é suscetível (DONATELLI, 2013, p. 846)

Como demonstrado anteriormente, a matéria possui presente em si mesma uma força que em sua característica possui a capacidade de mover-se e sentir sem que dependa de algum ente externo para além da própria matéria; como argumentado, essas capacidades estão presentes somente nas matérias ou corpos organizados e para dissociar esses corpos organizados dos outros demais corpos ele recorre a anatomia comparada, modo pelo qual ele procura fundamentar suas ideias monistas.

La Mettrie busca comparar anatomicamente diferentes tipos de espécies e analisar o funcionamento de cada um deles em comparação ao corpo humano. Em vista disso, chega à conclusão de que o corpo humano possui seu funcionamento com características distintas de outros animais: o que diferencia o corpo humano dos demais seres é a sua organização e, em decorrência dessa organização, adquire a capacidade de pensar e de sentir. Para o autor, o funcionamento do corpo humano não se diferencia de uma máquina que obedece a regras fundamentadas na lógica, física e química, neste sentido a alma adquire outros fundamentos:

A alma sensitiva, caracterizada como um princípio material voltado para o sentir, discernir e conhecer nos seres vivos, é constituída por um sistema formado pelo cérebro, que concentra as sensações, pelos nervos que as conduzem, e pelos órgãos dos sentidos que registram as sensações. Nesse esquema interpretativo das sensações, os espíritos animais estão presentes, como é comum nas explicações sobre o processo das sensações (DONATELLI, 2013, p. 846).

As características das paixões da alma atribuídas ao homem por Descartes que se manifestavam presentes na alma como uma substância imaterial tendo seu *in loco* no cérebro, através da glândula pineal passa a ser explicado através de um outro ponto de vista. A saber, em La Mettrie, essas sensações são provocadas através de estímulos químicos que estão presentes por todo o corpo humano de maneira que o cérebro possa captar, então, seguindo essa ideia, o corpo humano teria seu sistema mais organizado, e deste modo, também possui mais capacidades do que outros corpos animais, entretanto, tal como eles o Homem está reduzido à matéria e aos princípios das leis físicas:

Em geral, a forma e a composição do cérebro dos quadrúpedes é mais ou menos a mesma que no homem. Mesma configuração, mesma disposição por toda parte, com esta diferença essencial: o homem, de todos os animais, é aquele que tem mais cérebro e o cérebro mais tortuoso em razão da massa de seu corpo; em seguida o macaco, o castor, o elefante, o cachorro, a raposa, o gato etc. Eis os animais que mais se assemelham ao homem (LA METTRIE *Apud* DONATELLI, 2013, p. 855)



A alma é apenas a parte do corpo humano que se localiza ao cérebro, mas que não possui em seu sistema nenhuma conexão estabelecida com algo que possa ser imaterial, ou seja, a alma é compreendida como um fenômeno físico-psíquico que exerce influência no mecanismo do corpo:

O Homem é uma Máquina composta de tal maneira que é impossível de se fazer dele, inicialmente, uma ideia clara, e consequentemente de defini-lo. Isso porque todas as buscas dos maiores Filósofos foram realizadas *a priori*, ou seja, querendo servir-se de alguma sorte de asas do Espírito, foram vãs. Assim, somente *a posteriori*, ou procurando desenredar a Alma dos Órgãos do corpo, que podemos, eu não digo descobrir com evidência a natureza mesma do Homem, mais compreender o maior grau de probabilidade possível sobre este assunto.<sup>22</sup> (LA METTRIE, s/d, posição 213 de 1483, tradução nossa)

O cérebro do homem ganha forte valorização por La Mettrie, lá está situado uma organização que tem a qualidade de diferir dos outros animais em forma de capacidade e dos outros humanos em forma de pensamento:

Em outras palavras, sai o recurso à alma imortal, da qual apenas o homem seria portador e o colocaria em um nível diferente e distante em relação aos animais, e entra a matéria organizada com a capacidade de produzir sentimentos que se apresentam igualmente em homens e animais. A diferença entre eles consiste no menor número de ideias e de suas expressões presentes nesses últimos, e no verniz da educação nos primeiros [...]. Importante ressaltar que a similaridade observada na organização física e no comportamento dos homens e dos animais não exclui, para La Mettrie, a consideração da possibilidade de, por exemplo, ensinar um macaco a falar, sempre considerando as condições orgânicas do animal que tornem possível chegar a tal fim [...] (DONATELLI, 2013, p. 856).

Neste sentido, os privilégios são fornecidos através de uma lei natural que estabelece diferenciações entre outros organismos, sendo o homem com maior capacidade mental por estar no topo da escala natural, mas que não se distingue totalmente do animal, que possui os seus mecanismos com o funcionamento similar ao do homem, mas que no homem se encontra diferenciado unicamente pela organização dos componentes de sua máquina corpórea.

É evidente que a concepção de Homem em La Mettrie é formada através de um viés médico que desmembra o corpo e caracteriza a função de cada parte, propondo uma visão do corpo humano que tem por fundamento a matéria como substância essencial que possui um dinamismo presente capaz de ser explicado somente pelas leis das ciências naturais sem precisar recorrer aos eventos não físicos.

(...) de dois Médicos, o melhor, o que merece mais confiança, é sempre, na minha opinião, aquele que é mais versado na Física, ou na Mecânica do corpo humano e que, deixando a Alma e todas as inquietudes

---

<sup>22</sup>“L’Homme est une Machine si composée, qu’il est impossible de s’en faire d’abord une idée claire, et conséquemment de la définir. C’est pouquoi toutes les recherches que les plus grands Philosophes ont faites *a priori*, c’est à dire, en voulant se servir en quelque sorte des ailes de l’Esprit, ont été vaines. Ainsi ce n’est qu’*a posteriori*, ou en cherchant à démêler l’Ame, comme au travers des Organes du corps, qu’on peut, je ne dis pas, découvrir avec évidence la nature même de l’Homme, mais atteindre le plus grand degré de probabilité possible sur ce sujet.”

que essa quimera oferece aos tolos e aos ignorantes, ele se ocupa seriamente apenas com o puro Naturalismo.<sup>23</sup> (LA METTRIE, s/d, posição 1027 de 1483, tradução nossa)

Desse modo, se desenvolve o pensamento de La Mettrie, voltado na observação e experiência, deixando de lado qualquer fonte imaterial que ultrapasse o que entendemos por natureza no qual o homem está presente. No entanto, dessa forma é possível atribuir ao Homem e ao corpo visto que se manifestam de forma indivisível — o Homem não é senão o seu corpo — como um produto de uma máquina que se fundamenta através da própria máquina, a capacidade de pensar e de sentir é um efeito presente no cérebro que está sujeito ao *einstellung*<sup>24</sup>, que a partir de sua disposição mental surge a noção de sujeito.

A medicina é colocada em relevo pelo médico-filósofo, pois só ela mostra a materialidade e a mortalidade do homem. Ser versado em física, o que significa conhecer a mecânica do corpo, como ele mesmo afirma, sem considerar assuntos vãos, tais como os que se voltam para a alma, constitui o primeiro passo para a elaboração científica. Tal importância da ciência médica aponta para um fim que se mostra carregado de valor moral, pois ao visar à saúde do corpo, a medicina propicia a boa formação do espírito, por “elevá-lo ao conhecimento da verdade e da virtude”, como é afirmado em O HOMEM-MÁQUINA. (DONATELLI, 2013, p. 869)

Notamos que o autor, através da medicina, estabelece uma relação entre filosofia e ciência, os saberes e as introspecções morais estão atrelados a esse viés filosófico que também está conectado aos conhecimentos do corpo a partir de suas observações, baseando-se em experiência e observação o corpo é visto como um aglomerado de peças, como argumenta La Mettrie (s/d, posição 269 de 1483, tradução nossa): “O corpo humano é uma Máquina que monta, ela mesma, suas molas; imagem viva do movimento perpétuo.”<sup>25</sup> que estão sujeitas a serem explicadas através das leis que compõe a matéria. Nesse sentido, a ciência está atrelada a um valor moral, a inteligência e o caráter têm sua finalidade na organização corporal que a mente desempenha uma relação de forte dependência em relação ao corpo.

Quem vive como cidadão pode escrever como filósofo. Mas escrever como filósofo é ensinar o materialismo! Que mal há nisso, se esse materialismo é fundamentado, se ele é o resultado evidente de todas as observações e experiências dos maiores filósofos e médicos? Se só aderimos a esse sistema depois de termos seguido atentamente a natureza, de termos feito os mesmos passos incessantemente com ela em toda a extensão do reino animal e, por assim dizer, depois de ter examinado a fundo o homem em todas as suas idades e em todos os seus estados? (LA METTRIE *Apud* DONATELLI, 2013, p. 866)

---

<sup>23</sup>(...) de deux Medecins, le meilleur, celui qui mérité le plus de confiance, c'est toujours, à mons avis, celui qui est le plus versé dans la Physique, ou la Mécanique du corps humain, et qui laissant l'Ame, et toutes les inquietudes que cette chimère donne aux sots et aux ignorans, n'est occupé sérieusement que du pur Naturalisme.”

<sup>24</sup>Referente ao estado de um espírito mecanizado, em seu efeito tem como potencialidade executar comportamentos.

<sup>25</sup>“Le corps humaine est une Machine qui monte ele-mêmmes ses ressorts; vivante image du mouvement perpetuel.”

De fato, La Mettrie não esconde seu método materialista de conhecer o homem, no entanto, para ele, a abordagem da concepção de homem por meio de um materialismo fundamentado na medicina é o meio mais próximo que se pode chegar à verdade, procurando conhecer a funcionalidade mecânica do corpo. Porém, esse sistema corpóreo proposto por ele é de difícil aceitação no ramo filosófico.

Concluimos, portanto, ousadamente, que o homem é uma Máquina; e que não existe em todo o Universo nada mais do que uma única substância diversamente modificada. Não existe aqui nenhuma Hipótese construída à força de perguntas e de suposições: não existe nenhum produto do Preconceito, nem mesmo de minha Razão apenas; eu tive que dispensar um Guia que eu acredito tão pouco seguro, se os meus sentidos, por assim dizer, não a tivessem iluminado eu não me engajaria em segui-la. A Experiência, portanto, falou a favor da Razão; e é por isso que as uni.<sup>26</sup> (LA METTRIE, s/d, posição 1141 e 1153 de 1483, tradução nossa)

Assim se caracteriza o Homem-Máquina em La Mettrie, um Homem que é compreendido através de leis físicas que bastam para explicá-lo, tendo como método através da experiência e observação que o seu olhar médico proporcionou, não recorrendo a nenhum outro aspecto não físico para elaboração de sua tese, o Homem é compreendido através de uma imagem que relaciona ao mesmo tempo o mecanicismo corpóreo ao fisicalismo geral da Natureza.

## **Considerações Finais**

Por meio da análise histórica apresentada, percebemos grandes diferenciações e mudanças na concepção de Homem e de corpo na sociedade ocidental. Apresentamos a visão do Homem e do corpo no pensamento cristão medieval, que tinha como foco a salvação do corpo numa relação estreita com a alma, concepção que se manifestava de forma dual e não dualista. Tal percepção, ou seja, da interdependência da alma e do corpo, observamos a sociedade medieval e o papel da Igreja, como os ritos de salvação eram vistos e a perspectiva da cura e da salvação, ou seja, a estreita relação entre medicina e curandeirismo: relação que torna evidente que a medicina não era vista como uma ciência voltada para o corpo, mas sim voltada para a uma cura espiritual que seria capaz de alcançar a cura da carne.

---

<sup>26</sup>“Concluons donc hardiment que l’Homme est une Machine; et qu’il n’y a dans tout l’Univers qu’une seule substance diversement modifiée. Ce n’est point ici une Hypothese élevée à force de demandes et de suppositions: ce n’est point l’ouvrage du Préjugé, ni même de ma Raison seule; j’eusse dédaigné Guide que je crois si peu sûr, si mes sens portant, pour ainsi dire, le flambeau, ne m’eussent engagé à la suivre, en l’éclairant. L’Expérience m’a donc parlé pour la Raison; c’est ainsi que j’eles ai jointes ensemble.”

Com a revolução dos saberes, surgem novos conceitos sobre a ideia de corporeidade principalmente entre os séculos XVII e XIX, afastando-se definitivamente da tutela da Igreja. Como apresentado, o desenvolvimento da anatomia e do heliocentrismo ganha terreno considerável na assimilação de corpo-máquina e homem-máquina nos pensamentos de Descartes e La Mettrie.

Este trabalho teve como objetivo apresentar o surgimento da ideia de corpo-máquina através de um estudo ontológico do corpo, visando as ideias dos filósofos que fundamentaram a ideia de corporeidade mecânica entre esses dois séculos, vale ressaltar que em momento algum este trabalho se dirigiu em fazer críticas aos autores mencionados no decorrer textual, mas sim em apresentar suas diferentes visões acerca do que compõe o Homem. Com o dualismo de Descartes, a ideia de corpo-máquina se fundamenta por meio de outra substância, a alma, esta torna-se condutora do corpo e, este, passa a ser comparado ou associado com as máquinas. Já no monismo de La Mettrie, estabelece-se a ideia de Homem-máquina, que existe uma diferença do corpo-máquina, sua filosofia se aproxima da ciência através de seu materialismo médico, deixando de lado os saberes metafísicos, não só o corpo está voltado para um reducionismo materialista (como substância *extensa*, apresentado por Descartes), mas também o Homem como constituído por seu corpo e nele se esgotando inteiramente.

Compreendido a fabricação do corpo-máquina e do Homem-máquina é necessário um estudo para entendermos os usos dessa visão do corpo e do Homem pelos poderes constituídos; como as ciências ainda operam e determinam a vida orgânica e não-orgânica, reduzindo-os, normalmente aos critérios ainda desenhados pelos filósofos do início da era moderna. Sabemos do avanço das ciências, e deste modo, também sabemos que com os avanços científicos, como o da tecnologia da inteligência e dos procedimentos biomédicos, entre outros, são capazes de modificar a ideia de Homem e de corpo mais uma vez.

### **Referências Bibliográficas**

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **As paixões da alma**. Tradução de Newton de Macedo. Editora KTTK, 2018.

DONATELLI, Marisa Carneiro de Oliveira Franco. **Filosofia e medicina em La Mettrie**. *scientiæ studia*, São Paulo, 2013. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/ss/a/B4tCQfHF9MHZXfV4HmcTMnJ/?format=pdf&lang=pt>.  
Acesso em 24 maio. 2021.

FERNANDES, Leandro Mateus. **O homem-máquina de La Mettrie**. Revista Alamedas, 2014.  
Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/10463/8170>.  
Acesso em: 25 maio. 2021.

LA METTRIE, Julien Offray de. L'Homme Machine. In. **Ouvres de La Mettrie**. La Bibliothèque Digitale. Éditions Kindle. s/d.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

MANDRESSI, Rafael. **Dissecações e anatomia**. In História do Corpo vol. 1. (Orgs.) Alan Corbin; Jean-Jacques Courtine; Georges Vigarello. Tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

PORTER, Roy; VIGARELLO, Georges. **Corpo, Saúde e Doenças**. In História do Corpo vol. 1. (Orgs.) Alan Corbin; Jean-Jacques Courtine; Georges Vigarello. Tradução de Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

RANHEL, André Silva. **História do corpo na idade média: representações, símbolos e cultura popular**. Veredas de história, 2018. Disponível em:  
<https://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs-2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/download/368/262>. Acesso em: 03 maio. 2021.